

SOFIA MENEGON



Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

AMOR O PRÓPRIO

SOFIA MENEGON

AMOR, O PRÓPRIO



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Sofia Menegon, 2025
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2025
Todos os direitos reservados.

Preparação: Milena Machado
Revisão: Elisa Martins e Tamiris Sene
Projeto gráfico e diagramação: Renata Zucchini
Ilustrações de capa e miolo: Gabi Nolasco
Capa: Isabella Teixeira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Menegon, Sofia

Amor, o próprio / Sofia Menegon. -- São Paulo :
Planeta do Brasil, 2025.
192 p. ; il.

ISBN 978-85-422-3190-8

1. Literatura brasileira I. Título

25-0488

CDD B869

Índice para catálogo sistemático:
1. Literatura brasileira



Ao escolher este livro, você está
apoando o manejo responsável
das florestas do mundo

2025
Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.
Rua Bela Cintra, 986, 4º andar – Consolação
São Paulo – SP – 01415-002
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

SUMÁRIO

PREFÁCIO, POR NATÁLIA SOUSA	09
-----------------------------	----

APRESENTAÇÃO	11
--------------	----

PRIMEIROS AMORES

O mundo inteiro naquele Corsa	15
-------------------------------------	----

As quatro Marias	17
------------------------	----

Amor de minha mãe	21
-------------------------	----

Do alto da minha cama-beliche	22
-------------------------------------	----

A última conversa com o meu avô	24
---------------------------------------	----

Se os aplicativos de relacionamento fossem sinceros (1)	27
--	----

PARTIDAS

A canaleta de dona Dora	31
-------------------------------	----

Hoje eu não vou te chamar para celebrar comigo	36
--	----

Consultório	38
-------------------	----

Recolhedora de gente e de corações partidos	44
---	----

Carro de aplicativo	46
---------------------------	----

Flor-de-julho	52
---------------------	----

O bicho no telhado	54
--------------------------	----

DELÍRIOS

Aposentadoria de Santo Antônio	65
O fim do mundo	67
Criatura de bicicleta	68
Número desconhecido	70
Spam	71
Pedido de delivery	73
Dois estranhos na janela	74
Amor artificial	76

OUTRAS DORES

Tem alguém no meu copo	87
O caso de Matilda	93
Café com inveja	100
Cadê o ciúme que estava aqui?	103
Um enredo ordinário	105
Natal	111
Conto de falhas	115
Se os aplicativos de relacionamento fossem sinceros (2)	120
As canecas	121
A trepadeira	123
Tomilho	125
Vazou!	127
Se os aplicativos de relacionamento fossem sinceros (3)	130
O cartão	131

Se os aplicativos de relacionamento	
fossem sinceros (4)	133
Asinhas cortadas	134
O marimbondo no meu lustre	138
Se os aplicativos de relacionamento	
fossem sinceros (5)	140
Donatella (minha dona)	141

LIVRES AMORES

Oito pés e uma cama box	147
Joana e Maiara	151
Amor bonsai	154

Se os aplicativos de relacionamento	
fossem sinceros (6)	161
Juliana	162
O balão e o menino	169
Na minha gaveta de meias	170

Se os aplicativos de relacionamento	
fossem sinceros (7)	173

ASPIRAÇÕES

Gente que se diverte	177
Tem uma coisa sobre o seu cheiro	179
Carta ao meu futuro amor	181
Que seja amor	183
Dispensável amor	185
Todo meu respeito	187

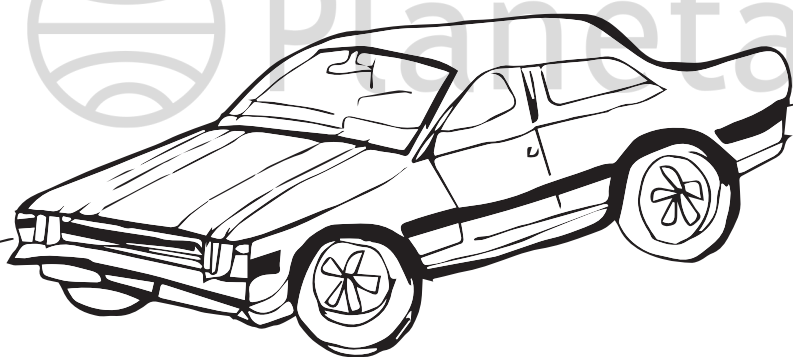
O mundo inteiro naquele Corsa como aprendemos a amar

Ali cabia o mundo inteiro. Entre as malas amontoadas, os cachorros que compartilhavam o banco comigo e com a Tábata, minha irmã, enquanto algum co tocava pela milésima vez, e tudo que passava rápido demais pela janela.

Entre aquelas quatro portas eu brincava de ser adulta, com meu caderninho, tomando nota do que solicitavam meus clientes imaginários, e também disputava o espaço entre os bancos da frente com a minha irmã. Naquele pouco mais de um metro de estofado encardido, oscilávamos entre os empurrões e o cochilo terno no colo uma da outra. Era daquele lugar privilegiado que eu observava minha mãe acariciando a nuca do meu pai e torcia para que nunca deixassem de se tocar. E era também dali que, às vezes, gritava enojada quando trocavam beijos de língua.

Do banco de trás do carro eu assistia ao amor, à raiva, à vaidade, ao desejo. Afetos, em todas as suas demonstrações. Lembro-me de fingir dormir para escutar as conversas proibidas. E, então, os xingamentos, as cobranças, as promessas, as fofocas e os segredos mais íntimos.

Entre um destino e outro, traçava também meus mapas das relações particulares, talvez não tão particulares assim. Naquele pequeno recinto, de onde não se podia correr e onde as nossas vidas todas se entrelaçavam, quase se fundiam, eu aprendia a amar e ser amada.



As quatro Marias

as mães das nossas mães e suas mães

Maria de Lourdes é sergipana. Maria, só Maria, é paulista. Maria de Lourdes é a caçula dos doze filhos de Maria Carmelita e Pedro. Maria, só Maria, é a caçula dos seis filhos de Maria Concília e Humberto. Maria de Lourdes e Maria, só Maria, não quiseram ter filhas Marias. Então tiveram Cristinas, Joanas, Edelis e Greices, que, por sua vez, entraram na era das Sofias, que poderiam ser mães de Valentinas, mas escolheram não ter filhos.

Maria de Lourdes foi mãe aos dezenove. Maria, só Maria, aos vinte. Suas filhas, também. Carmelita, também Maria de primeiro nome, engravidou do primeiro menino aos dezoito. Concília, não sei ao certo. Marias eram mães. Mães e ponto. Mães de seus filhos, de seus maridos e das crianças que apareciam, filhas de outras Marias.

Maria de Lourdes nunca completou o primeiro grau, mas tem o maior orgulho dos filhos que fizeram faculdade. “Joana é advogada”, conta por onde passa, com a voz embargada. Quando os filhos eram pequenos e o marido estava desempregado, ela buscava o que sobrava na feira. Caso voltasse com a sacola vazia, a vizinha – acredite se quiser, também

Maria – apressava-se para preparar um caldo de legumes. Batia à porta e dizia: “Ô comadre, sobrou aqui esse caldo, não quer dar para os meninos?”.

Maria, só Maria, tem o segundo grau completo. Ela sonhava em seguir carreira na empresa em que trabalhava, mas conheceu José e se casou. Então parou de trabalhar porque ele disse que não precisava. Agora ela podia ficar tranquila, cuidando das crianças e da casa. A vida que ela não sonhou, mas achou que era pra ser. Maria cozinhava. José reclamava. Maria lavava, passava, faxinava. José se irritava. Maria se calava. José gritava. Mas Maria gostava de escrever e ano passado, quando completou oitenta anos, escreveu à mão a história de toda a sua vida. Vinte páginas de um caderno pequeno, mas que ela mostra orgulhosa para as netas, toda vez que elas passam para um café.

Carmelita morreu de velhice, aos noventa e quatro anos de idade. Morreu perguntando pelo filho que sumira trinta anos antes: Carlinhos, um dos doze. Todas as noites, durante todo esse tempo, ela esperou na janela com a certeza de que ele apareceria. Carmelita morreu depois de alguns dos filhos. Mas enterrar um filho dói menos do que não poder fazê-lo.

Concília foi expulsa da casa da filha. José não gostava das críticas da sogra quanto ao modo como ele tratava Maria, só Maria. Ela morreu de solidão. “Sem mais nem menos”, comentaram no velório.

A filha do meio de Maria de Lourdes, Cristina, se apaixonou pelo filho do meio de Maria, só Maria, Alfredinho. E foi assim que a história dessas tantas Marias se cruzou. Na verdade, foi um pouco antes, quando se mudaram para a rua Souza Filho. Maria de Lourdes ficava possessa quando Alfredinho jogava a bola no seu quintal e saía gritando pela Souza Filho: “Maria, eu vou matar seu filho”. Mal sabia ela que a bola era um pretexto para ver Cristina.

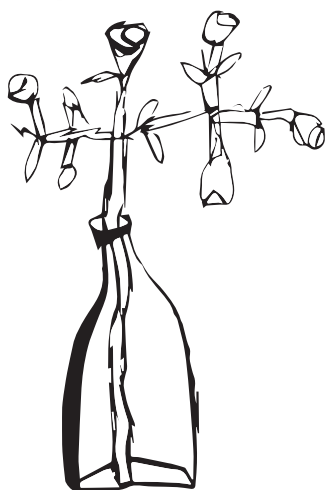
Cristina e Alfredo logo se casaram. Ela estava na faculdade quando engravidou. E, então, Cristina, que não é Maria, tornou-se mãe. Mãe e ponto. Mãe por completo e mais nada sobrou.

Hoje em dia, Maria de Lourdes e Maria, só Maria, moram no mesmo prédio. Uma no nono andar e a outra no vigésimo terceiro. Às quartas, as duas jogam dominó. Maria de Lourdes gosta de contar as peripécias da filha mais nova, Dori, uma pug preguiçosa. Maria, só Maria, agora reclama de José, que com frequência pede desculpas pelo marido que fora. José tem medo de morrer sem perdão. Maria, de morrer como a mãe, de solidão.

Nas festas de família, Maria de Lourdes e Maria, só Maria, saem de mãos dadas pelo quintal para fofocar. Mas Maria, só Maria, não escuta bem. Então todo mundo fica sabendo da fofoca, ainda que faça de conta que não.

Elas, Marias, encontraram uma a outra e, nesse encontro, a si mesmas, um sem fim de vazios e um mar de histórias.

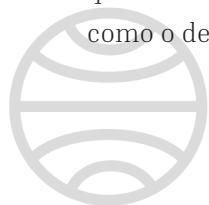
**“o amor também é
feito de vazios.”**



Amor de minha mãe repetição de padrões

Ela, que me amava mais do que qualquer outra pessoa no mundo, vestiu uma careta para me assustar. E jogou o chinelo para me calar. E trancou-se no banheiro para me ameaçar. Foi embora dizendo que nunca mais iria voltar. Mas voltou e disse me amar.

Eu, agora confusa, sigo à procura desses amores que assustam, calam, ameaçam e somem. Amores como o de minha mãe.



Planeta

Do alto da minha cama-beliche amor de irmã

Não me lembro de nenhuma outra cama antes daquela. A beliche cor-de-rosa chiclete, com escrivaninha acoplada e uma terceira cama de rodinhas. Nem nos meus sonhos infantis mais audaciosos eu teria imaginado dormir em uma cama daquelas.

Eu dormia na cama de cima e minha irmã, na de baixo. A gente dividiu aquela beliche e aquele quarto por muitos anos. Em alguns momentos, foi ele que dividiu a gente. Mas ali, no alto da minha cama-beliche, onde eu conseguia tocar nas estrelinhas adesivas coladas no teto, eu a observava, curiosa, intrigada e deslumbrada.

Era também para lá que eu corria quando queria chorar, onde escondia os brinquedos que não queria dividir e também de onde gritava, vez ou outra, para minha mãe colocar para tocar a caixinha de música que me ajudava a dormir.

Quando as luzes se apagavam e tudo era silêncio, eu me escutava. Quando o medo não cabia debaixo das cobertas, eu acordava minha irmã, na cama de baixo, para perguntar se ela não precisava de companhia. Afinal, ela era mais nova e com certeza precisaria de um abraço de acalento. Afinal, ela era mais nova e com certeza me protegeria da pilha de pensamentos que me sufocava.

A verdade é que eu sempre precisei mais dela do que ela de mim. Da irmã, do beliche, do acalento. É uma relação esquisita essa, não é? Essa pessoa com quem a gente divide tudo, até pai e mãe. Até beliche.

Eu tinha um ano e quatro meses quando a outra filha nasceu. Ainda mamava no peito, mas não usava mais fraldas. Ainda dormia no peito, mas não precisava de ajuda para andar. Tinha um berço só meu, mas não me sentia só. Ou sentia. Não sei. Tudo é um jogo de adivinhação. O que é fato, mesmo, é que eu fui internada no mesmo dia em que minha mãe foi para a maternidade parir a outra bebê, ainda sem nome.

Alergia. Alergia a um remédio que até hoje não ousou chegar perto. Alergia a essa chegada assustadora, de alguém que até hoje não ousou me aproximar demais.

Eu não estava lá quando minha mãe saiu do hospital com sua nova filha. Mas minha mãe também não estava lá enquanto eu temia as agulhas entrando e saindo de mim. E, quando voltei para casa, nada mais estava no lugar. Não tinha mais peito para mamar e o de dormir agora já estava ocupado. Dali em diante, dividimos tudo. Colo, atenção, berço, roupas, brinquedos, vó, tia, prima, quarto e beliche. É uma relação esquisita essa.

Não sei que fim levou a beliche. Mas, de forma alegórica, ela ainda existe entre nós. Do alto eu sigo longe o bastante, mas perto o suficiente. E é por meio desses vãos que a gente consegue se amar.

A última conversa com o meu avô amores indecifráveis

Eu fui. Não queria ir, mas fui. Vai que é o último aniversário. Vai que eu deixo de ir e me arrependo depois. Vai que, no fundo, eu queira ir. Fui. Fui para ficar quieta no meu canto e esperar os parabéns para ir embora.

Mas, por acaso ou destino, naquele dia ele segurou meu braço e falou baixinho:

— Eu amo muito vocês, viu?

Ele, que não era desses rompantes, me deixou desconfiada. Eu não sabia, mas aquela seria a nossa última conversa antes de sua partida.

— E o que é o amor para você, vô?

— Amor é viver. Enquanto a gente vive, a gente ama. Amar e viver são a mesma coisa. Eu descobri que ela era o amor da minha vida depois que fiz besteira. Já era tarde.

— Mas vocês não estão juntos?

— Estamos. Mas eu queria que Deus apagasse da nossa memória o que a gente fez de errado. Eu não fui um bom marido.

— Também não foi um bom avô.

— E como a gente resolve isso?

— Eu não sei. Você poderia me ligar. O elevador do prédio está funcionando outra vez e o senhor poderia

conhecer meu apartamento. Mas eu não vou ligar. O senhor tem que vir. Eu era criança.

— Eu sei. É que eu me sinto rejeitado. A vida toda me senti assim. Rejeitado por todo mundo.

— E por isso você rejeita?

— Como assim?

— Rejeita quem te ama.

— Talvez. Eu fui embora. Deixei sua avó. Depois voltei, pedi perdão. Ela me aceitou, mas eu não me esqueço do que fiz. Por isso queria esquecer os meus erros todos.

— E você acha que isso resolveria?

— Pelo menos eu não sentiria o que sinto agora. Não sei se dá mais tempo de fazer diferente. Não sei se consigo consertar.

— Tenta. Eu só estou esperando você querer. Estou esperando o senhor me querer desde criança. Temos o mesmo signo.

— Eu não ligo para essas coisas.

— Mas eu ligo, vô. Queria te contar sobre as coisas com que eu me importo. Queria ligar para o senhor para contar das coisas que eu vivo, de quem eu amo. Porque, vô, eu te amo.

E de pé, todos começaram a cantar parabéns para ele. Apagou a vela, cortou o primeiro pedaço de bolo e, enquanto escolhia para quem o entregaria, olhei para o lado. Uma tentativa tosca de disfarçar minha vontade de ser escolhida. Como quando estão prestes a anunciar a vencedora do Oscar e as candidatas fingem não

se importar com o resultado. Um esforço inútil para evitar a frustração. Ele entregou à minha avó, sua esposa há sessenta e um anos. A escolha mais diplomática e coerente. Afinal, que se saiba, esposa ele só tinha uma.

Minha avó olhou para o bolo, olhou para ele, com ligeira repulsa. Não sei qual dos dois despertou tamanha ojeriza. Pode ser que estivesse apenas empapuçada com a comida da festa, não sei.

— Pra que isso? — exclamou.

Em seguida, abandonou o prato sobre a mesa.

É um engodo esquisito a relação dos dois. Um aceita as indelicadezas porque acha que merece, a outra despeja suas dores porque já sofreu demais. E, talvez, os dois estejam certos. Talvez ele mereça. Talvez ela precisasse.

O que eu sei é que eu queria aquele pedaço de bolo e um avô para falar da vida que, no final, talvez seja o mesmo que falar de amor.

Se os aplicativos de relacionamento fossem sinceros (1)

Greice, 28 anos

BIO: Estou aqui pela conversa, date que é bom, pulo fora. Me conta de você, mas, principalmente, deixa eu contar de mim? Te falo da minha infância trágica, faço piadas com meus traumas, mando as melhores figurinhas. Mas já vou avisando: terei um imprevisto no dia do nosso date. No fim de semana seguinte será aniversário da minha tia e, no outro, o casamento da minha melhor amiga. Mas uma hora, se tudo der certo, a gente não se encontra.

